

COMPARTILHANDO MOVIMENTOS: EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gilvânia Maurício Dias de Pontes
Núcleo de Educação Infantil / UFRN

Resumo

O presente texto se constitui de um relato de um projeto de trabalho sobre “abelhas” desenvolvido com crianças na faixa etária compreendida entre três e quatro anos do Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Priorizamos neste texto o processo de construção da “dança das abelhas”, jogo simbólico em que as crianças corporalmente se apropriaram dos significados e atribuíram sentidos ao que foi estudado. A idéia construir com o grupo de crianças a dança das abelhas ocorreu, inicialmente, como forma de transformar em gestos o aprendizado sobre a vida das abelhas, pois acreditamos que as crianças constroem conhecimentos de “corpo inteiro”. Nesse sentido, as situações de jogo/ brincadeira possibilitam que essa construção seja vivenciada na fantasia, e nesses momentos informações sobre o tema são organizadas e sintetizadas pelas crianças.

Palavras – chave: movimento – dança - criança

COMPARTILHANDO MOVIMENTOS: EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gilvânia Maurício Dias de Pontes
Núcleo de Educação Infantil / UFRN
gil@ufrnet.br

Priorizamos neste texto o processo de construção da “dança das abelhas”, jogo simbólico em que as crianças corporalmente se apropriaram dos significados e atribuíram sentidos ao que foi estudado em um projeto sobre abelhas.

Nossa ação/contato com crianças como educadores da infância tem subjacente algumas concepções norteadoras que influenciam a prática pedagógica. Sendo assim, é importante ressaltar que estamos entendendo o “corpo” como produtor e possuidor de linguagens que se revelam através de sua expressão. E estamos contemplando Arte e Educação Física como áreas de conhecimento constituídas por linguagens. Assumimos uma concepção de linguagem que extrapola a oralidade e a escrita; uma concepção de linguagem que se refere aos produtos culturais construídos pela humanidade a fim de conhecer e recriar o mundo e se perceber como parte dele. Essa consideração nos remete a Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 37) quando ressalta que:

Somos rodeados por ruidosas linguagens verbais e não-verbais- sistemas de signos- que servem de meio de expressão e comunicação entre nós, humanos, e podem ser percebidas por diversos órgãos dos sentidos, o que nos permite identificar e diferenciar, por exemplo, uma linguagem oral (a fala), uma linguagem gráfica (a escrita, um gráfico), uma linguagem tátil (o sistema de escrita braile, um beijo), uma linguagem auditiva (o apito do guarda ou do juiz de futebol), uma linguagem olfativa (um aroma como o perfume de alguém querido) ou uma linguagem gustativa (o gosto apimentado do acarajé baiano ou o gosto doce do creme de cupuaçu) ou as linguagens artísticas.

Visto que as linguagens são socialmente produzidas e significadas, e que a sua recepção tem como matriz inicial a ação corporal no e sobre o entorno. As produções são concretizadas e difundidas corporalmente. O sentido/significado dessas é construído no diálogo homem - mundo, não podendo ser localizado no sujeito ou no objeto (KUNZ, 1991).

Conceber as linguagens desta maneira exige que na sua prática o educador organize suas intervenções tendo como ponto de partida a idéia de corporeidade como uma construção relacional que se faz representar por meio das linguagens, pois como afirma Moreira (2003, p. 85):

Conhecer corporeidade é entender um corpo sujeito existencial, complexo, que vive sempre no sentido de sua auto-superação. A corporeidade mostrar-nos-á situações em que o ser hominal caminha para existencializar sua humanidade. Isso exige um estudo centralizado em um corpo sujeito, existencial, indivisível, que se movimenta para garantir a vida, entendida esta tanto no sentido individual quanto coletivo. O corpo sujeito é ator e autor de sua história e cultura. É a corporeidade relacional, daí a necessidade de consciência de si, dos outros e do mundo. A corporeidade, por só, poder ser entendida como relacional, exige uma conjugação em que estejam presentes, ao mesmo tempo, todos os pronomes pessoais. O eu corporeidade só tem sentido na presença dos outros: tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas.

Assim, as linguagens fornecem o suporte necessário para a construção e representação do que a criança percebe das vivências culturais, constituindo-se como práticas sociais e culturais de construção de sentidos.

A criança que frequenta a escola deve se apropriar dos conhecimentos elaborados e acumulados historicamente pela humanidade. É com esse olhar que pensamos a prática pedagógica destacando as áreas de Arte e de Educação Física como componentes que constituem a dimensão cultural humana, devendo ser, portanto, contemplada como parte do projeto curricular das escolas.

Arte e Educação Física como componentes curriculares em sua intencionalidade na escola se traduzem na proposta curricular e na ação docente. No Núcleo de Educação Infantil – NEI tais áreas estão presentes na proposta curricular e práticas de formação continuada dos professores que ocorrem em instâncias reflexivas de trocas entre pares, em momentos tais como: paradas pedagógicas trimestrais, planejamentos coletivos, grupos de estudo, encontros com a coordenação pedagógica.

Neste contexto assumimos como um dos organizadores do trabalho a abordagem de temas de pesquisa em que as crianças participam da escolha dos temas contemplados em sala de aula. Esses temas são transformados em projetos de trabalho envolvendo áreas de conhecimento e linguagens diversas.

O interesse pelo estudo das abelhas surgiu da preocupação das crianças com as abelhas que entravam na sala no momento do lanche e sobrevoavam os copos de suco e refrigerante. Diante deste fato trouxemos informações sobre a o tema, entre estas, poemas e músicas sobre o tema. A música desencadeou o desejo de dançar e brincar de abelhas.

O movimento, inicialmente espontâneo e individual, representativo do repertório expressivo de cada criança, pôde, a partir da nossa mediação, se transformar em um jogo coletivo com a intencionalidade de representar cenas da vida das abelhas. Dessa forma, a dança do grupo foi construída a partir do movimento de cada um e das soluções que as

crianças elaboravam para representar os dizeres do poema musicado de Vinícius de Moraes acerca do movimento das abelhas das flores para a colméia. A escuta do poema musicado na interpretação de Moraes Moreira, a leitura de imagens e a produção de representações em outras imagens sobre a dança das abelhas ajudaram a montar a representação corporal - dança. O processo foi se constituindo aos poucos e assumiu significados diferentes que emergiram do diálogo entre as nossas intenções e a ação das crianças diante das propostas de atividades.

A nossa intenção inicial era a de “brincar de abelhas”, e assim o fizemos várias vezes, e cada criança foi o que desejou ser na grande colméia imaginária que surgiu na nossa sala. Mas a brincadeira foi ficando gradativamente mais elaborada, e o grupo decidiu que queria mostrar para outras pessoas, inclusive para os pais. Nesse momento nos deparamos com o grande desafio de unir as representações individuais em torno de uma atividade coletiva que exigia complementaridade de ações e compartilhamento do espaço em função de um objetivo comum. Observávamos como as crianças se movimentavam ao som da música, sem a nossa intervenção direta, e em outros momentos comentávamos no grupo sobre os movimentos criados por elas. Dessa forma todas as crianças eram instigadas a refletir sobre os seus gestos e compartilhar movimentos, e assim o jogo coletivo foi se constituindo para resolver os desafios de quem representaria o que e o espaço que cada uma ocuparia na dança.

A música instigou o movimento, e ao movimentar-se as crianças significaram o poema. Aliada à música estava a leitura de imagens quando apresentamos para as crianças a gravura do interior de uma colméia. A leitura de imagens ofereceu às crianças novos repertórios que foram incorporados ao seu repertório pessoal e se tornaram visíveis quando da produção de outras imagens e relato oral.

Solicitamos às crianças o desenho das ações propostas pela música e, quando concluídos, apresentamos os desenhos para todo o grupo. A partir desses vários desenhos, elaboramos com as crianças um desenho coletivo representando a dança das abelhas no percurso das flores para a colméia. Ao desenhar, a criança representa simbolicamente alguma coisa, constituída por uma série de valores advindos de seu meio sociocultural e de sua vivência e elabora o que sabe e/ou deseja.

A produção dos desenhos e organização das falas das crianças nos ajudou na construção da dança que foi apresentada aos pais e colegas da turma vizinha. Nossa mediação ocorreu tendo como ponto de partida o diálogo entre a expressividade das crianças nas diversas linguagens e as informações acerca do tema. Diálogo que possibilitou a percepção do movimento das crianças como um grupo e incitou a criação de sentidos através do gesto compartilhado.

Referências

KUNZ, E. **Educação Física**: ensino e mudanças. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1991.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M.Terezinha Telles. **Didática do ensino da arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MOREIRA, Wey. V. **Corporeidade e Lazer**: a perda do sentimento de culpa. Ponto de Vista. Brasília, v. 11, n. 2, p. 83 – 88, jun. 2003.